Resumo: Ingold, T. (2000). Evolving skills. Alas, poor Darwin: Arguments against evolutionary psychology, 273-297.

O autor inicia contextualizando desenvolvimento, natureza humana, cultura. Nesse sentido, ele busca trazer diferentes interpretações para comportamentos humanos como o andar, nesse sentido ele levanta a hipótese de que o comportamento de andar bípede pode estar relacionado com questões ambientais e genéticas ou uma possível interação entre ambas. Além disso, ele lança a seguinte pergunta: “humanos e animais não humanos podem acumular tradições e isso, pode ser considerado cultura?”. Em seguida ele busca trazer a definição de evolução a luz da seleção natural e explicar a abordagem cognitiva e a dicotomia “nature vs nuture”, na qual o nature o aparato genético e mecanismos fisiológicos seriam o principal ponto que leva a aprendizagem de um indivíduo e o nuture seria que o ambiente influência o desenvolvimento das habilidades de aprendizagem do indivíduo independentemente dos fatores genéticos e fisiológicos. No entanto, o autor cita que essa dicotomia entre nature e nuture tem caído por terra, pois atualmente tem-se notado a complementaridade desses fatores no desenvolvimento da aprendizagem e habilidades sociais dos indivíduos. O autor também trás a definição de teoria da cultura e dos conceitos necessário para definir cultura (comportamento ou conhecimento transmitido ao longo das gerações independentemente de sua aplicação). O autor traz ainda explicações sobre o desenvolvimento (ontogenia) dos comportamentos, nesse sentido ele utiliza o comportamento de andar para explicar que mesmo possuindo o aparato fisiológico e propensão para o andar bípede, os humanos são influenciados a faze-lo pelo ambiente em que se desenvolveram e os fatores culturais tem um papel importante em reforçar ou regular a expressão desse comportamento. O autor volta a defender a interação entre mecanismos e ambiente para explicar de forma coerente o desenvolvimento da habilidade de andar. Por fim o autor busca fazer uma critica a visão “moderna da biologia” em insistir que o comportamento tenha como base uma mudança no sucesso adaptativo/reprodutivo das populações ao invés de fazer parte de um processo de desenvolvimento gradual ao longo do tempo, favorecendo a homogeneidade. Nesse sentido, olhar para o desenvolvimento do indivíduo seria essencial para compreender o processo evolutivo.

Beyond the brain: How body and environment shape animal and human minds. Princeton University Press. pag 175-192.

“The body schema is distinct from our body image, which is composed of the conscious perceptions, attitudes, and beliefs we hold about our bodies.”

Isso explicaria a diferença entre as culturas em relação a capacidade dos bebês? EX: não pode sentar o bebê antes de x idade?

“If it were just a matter of their brain systems maturing, we should expect to see more uniformity in the when and how of walking.”

Isso faz muito sentido, pois os fatores ambientais moldam o desenvolvimento do sistema nervoso. São nítidas as diferenças entre as crianças quando estão aprendendo a andar e eu já li que culturas com diferentes crenças em relação a independência do bebê estimulam ou retardam o amadurecimento motor deles.

“Our embodied, physical knowledge of objects persists throughout life. Even once we have acquired language and the ability to form abstract, symbolic concepts of objects, our knowledge of them is still fundamentally grounded in the actions we can perform on them and with them”.

Isso é uma excelente reflexão, pois ao longo da vida quando nos deparamos com objetos novos ou atrativos é comum que toquemos neles. Eu realmente nunca havia parado para pensar sobre isso...